

## Cultura ou mercadoria? Reflexões sobre o carnaval de Itabuna, Bahia.

Rodrigo Muniz F. Nogueira ([pitmuniz@yahoo.com.br](mailto:pitmuniz@yahoo.com.br))\*

### Resumo

O Carnaval suscita uma diversidade de leituras que compreendem diversas ciências como a Antropologia, Filosofia, Sociologia, Economia, História, possibilitando diversos pontos de reflexões e análises acerca desta temática. Para poder responder às questões culturais e mercadológicas sobre o carnaval de Itabuna, lançar-se-á um olhar crítico sobre sua evolução e mutação dos entornos populares ao padrão institucionalizado e espetacular da atualidade; seus aspectos antropofágicos; suas significações em termos cultural e econômico; e as questões de preservação da identidade cultural versus os fatores mercadológicos. O objetivo do trabalho é mais amplo, não se limitando apenas a caracterizá-lo apenas como cultural ou mercantil. Converge no sentido de incrementar a literatura e fomentar debates sobre o tema.

**Palavras-chave:** cultura; mercadoria; turismo cultural.

### Abstract

The carnival excites a diversity of readings that understand diverse sciences as the Anthropology, Philosophy, Sociology, Economy, History, making possible diverse points of reflections and analyses about of this thematic one. To be able to answer to the cultural and marketing questions on the carnival of Itabuna, one will launch a critical look on its evolution and mutation of the popular circles to the standard institutionalized and spectacular of the present time; its degradates aspects; its significations in terms of culture and economy; and the questions of preservation of the cultural identity versus the marketing factors. The objective of the work is ampler, if not limiting only to characterize it as cultural or only mercantile. It converges in the direction to develop literature and to foment debates on the subject.

**Key words:** culture; merchandise; cultural tourism.



Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social



## Introdução

*O carnaval é a grande celebração que a cidade faz de si própria. Todas as energias, todas as mudanças e movimentos sensíveis que a cidade experimenta durante o ano inteiro são celebrados no carnaval. Inclusive a repartição desigual do poder e do espaço, tudo é re-dito e reeditado durante o carnaval.*  
(Milton Moura, 1996).

O carnaval, enquanto manifestação cultural nascida no seio das classes populares e circulada nos mesmos ambientes em que foi produzida é, nitidamente, uma vertente da festa que não mais condiz com as modernas formatações.

Sob a forma de expressão popular, sempre esteve à margem da cultura oficial, visto sempre de modo preconceituoso e resistente pelas camadas mais altas da sociedade. Macedo e Silva (2006), citando Guerreiro<sup>1</sup>, procuram mostrar que o carnaval é um momento que serve como amostra nítida da desigualdade social e do conflito étnico na sociedade brasileira, pois "desde as celebrações do Entrudo<sup>2</sup>, evidencia-se a intenção dos brancos em coibir as manifestações populares carregadas de influências afro-descendentes, fortemente cultivadas pelos negros escravos que aqui conviveram".

Este cenário, marcado pelo preconceito racial e por outros conflitos socioculturais, muda a partir dos anos de 1970, quando movimentos de valorização da cultura negra<sup>3</sup> eclodem de maneira muito fecunda em âmbito mundial. Estes fatores definiram um novo padrão, de afirmação da negritude, negociando com antigas tradições anti-entrudísticas e criando uma peculiaridade à festa baiana. Porém, há uma tendência cada vez mais recente em extrapolarem-se os limites culturais dicotômicos de classe, etnia etc. O que parece constituir a matriz carnavalesca da atualidade é o efervescente processo de apropriação dos bens simbólico-tradicionais e a respectiva conversão em produtos

formatados ao consumo em larga escala, usando o elemento da cultura local como principal veículo. Segundo Benjamin (2001),

*As festas que se consideravam espontâneas ou folclorizadas estão sendo convertidas em festas institucionais e manipuladas por interesses religiosos, políticos e especialmente econômicos, passando de eventos comunitários para converter-se em grandes eventos da cultura de massas.*

O lócus carnavalesco é permeado, então, por dialéticas polarizadas omitidas pelos interesses econômicos e de classe que preponderam sobre a abstração bakhtiniana de carnavalização, um conceito ligado ao comportamento comum no período do carnaval, assim como os excessos em relação à vida cotidiana e as típicas inversões de valores.

A idéia de baianidade, associada ao imaginário de miscelânea, de exótico, sincretismo e auto-cultuação incessante do povo baiano, contribui diante deste palco pós-moderno, configurando-se como um importante vetor turístico do carnaval e de grande importância nos indicadores econômicos. Este conceito de baianidade, aliado à questão da musicalidade que, de acordo com Moura (1996) caracteriza-se como o eixo do carnaval, resulta na fase denominada por Castro (2006) como cluster de entretenimento, cultura e turismo, na qual o carnaval está inserido.

Ao longo dos anos, o carnaval baiano ganhou força e afirmou-se como uma verdadeira marca registrada, produto mercadológico organizado com bases profissionais e comerciais, dando suporte a outros eventos interessados em manter o padrão popular e espetacular da folia soteropolitana (Nogueira, 2006). Esta mercantilização da cultura local e do modo de viver baiano o torna emblemático, folclórico e mitificado. A apropriação das

\*Bacharel em Comunicação Social e Mestrando em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz, Bahia. E-mail: pitmuniz@yahoo.com.br

1 GUERREIRO, Goli. História do carnaval da Bahia: o mito da democracia racial. Bahia Análise e Dados, Salvador, v. 3, n. 4, p. 100-105, mar. 1994.

2 Ver Felipe Ferreira, O livro de ouro do carnaval brasileiro, 2004.

3 Ver Milton Moura, O transcaráter do carnaval, 1996.

atividades culturais diz respeito a um movimento de reconfiguração do mercado e do Estado do processo de criação, circulação e consumo dos bens simbólicos tradicionais.

*Essa formatação mais recente contém o que chamamos de axé-music, cultura de carnaval, governantes como ACM abraçados com as baianas de acarajé e os capoeiristas, os grandes intérpretes das músicas de carnaval, incluindo o Ilê Aiyê, Filhos de Gandhi e outros ícones da nossa cultura musical (apud Castro, 2005).*

Contudo, apesar das estatísticas favoráveis em termos de indicadores econômicos gerados pelo processo de mundialização e turistização da cultura local, o sistema de venda de espaços e festejos públicos como o carnaval não gera benefícios distributivos reais para a maioria da população. Assim como Moura (1996), defensor da idéia que ocorreu um processo de feudalização dos espaços urbanos, o Professor e Pesquisador da UFBA, Clímaco Dias<sup>4</sup>, considera que o carnaval foi implementado forçadamente nos últimos anos, segregando, fragmentando e segmentando o espaço de tal maneira que a cada dia fica mais difícil a mediação entre seus pedaços.

Historicamente, o carnaval passou por diversos momentos de transformações, seja no âmbito religioso, político, social ou econômico, até desembocar nos moldes atuais. O caráter mutante da festa o coloca como fruto de um intenso diálogo nos complexos momentos históricos e contextuais, havendo um processo contínuo de criação e recriação da folia, assim como das manifestações culturais.

No Brasil, o carnaval foi diferente dos carnavais ocorridos em outros lugares do mundo, em virtude de diversas categorias intermediárias de manifestações terem surgido entre a elite e o povo, dando peculiaridade e afirmando-o como a maior festa popular do

país. Na virada para o séc. XX, o carnaval não significava mais a festa da esculhambação e da esbórnica, passando a ser encarado como uma expressão da tradição (Ferreira, 2004). Os grupos populares, antes vistos com preconceito, passaram a ser detentores do espírito da nação, fruto do amálgama e da hibridização cultural do nosso país.

Estes processos ganharam força seguindo o contexto da época, destacando-se dois grandes movimentos: o Modernismo, que valorizava o tipicamente nacional; e o movimento de valorização da cultura negra, que ocorreu em vários países da Europa, nas primeiras décadas do séc. XX. Este último influenciando o primeiro, com uma visão negrofílica. Estas duas agitações socioculturais fizeram com que o conceito de carnaval fosse alterado, representando uma festa eminentemente popular, no sentido de uma manifestação nascida no povo e a ele destinada. No final da década de 1920, a cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, começou a se fixar como pólo turístico mundial, e o carnaval seguiu esta tendência, visto como um instrumento comercializável, capaz de atrair um maior número de turistas, curiosos em assistir às festas de uma cultura "genuinamente" brasileira.

Na Bahia, este movimento de criação e recriação da festa é notado de forma muito expressiva a partir da década de 70, quando amalgamam movimentos artísticos, tecnológicos e culturais, criando uma peculiaridade à festa baiana. A partir de 1950 iniciou na capital da Bahia uma transformação radical na estrutura e articulação da festa: a chamada era dos trios elétricos. Estabelecia-se, a partir daí, a história do trio elétrico (Ferreira, 2004). Ao longo dos anos, o carnaval de Salvador ganhou força e afirmou-se como uma verdadeira marca registrada, produto mercadológico organizado com bases profissionais e

4 Citado em Castro, 2005.

comerciais, dando suporte a outros eventos interessados em manter o padrão popular e espetacular da folia soteropolitana.

Após esta exposição sucinta de algumas considerações referentes às dialéticas carnavalescas, vamos tratar no próximo tópico sobre algumas reflexões acerca destes aspectos aparentemente antagônicos do carnaval: cultura e mercado, lançando um olhar focado na cidade de Itabuna, bem como suas significações em termos cultural e econômico.

### **Carnaval em Itabuna: cultural ou mercantil?**

Quando falamos no carnaval em Itabuna, referimo-nos a uma manifestação que é mais antiga do que a própria cidade<sup>5</sup>. As expressões que ocorriam até o final da primeira década do século passado, conhecidas como o Domingo de Entrudo, consistiam em molhadelas e enfarinhamentos típicos das brincadeiras entrudísticas portuguesas trazidas para o Brasil e praticadas até o início do século XX. Nota-se, porém, que desde os seus primórdios, o carnaval na cidade manteve padrões culturais advindos de outros tempos e espaços, sem ser tipicamente localizado numa estrutura identitária própria, como veremos mais adiante.

A partir de 1912 começaram a surgir, ainda de forma discreta, os primeiros blocos, escolas de samba, afoxés e bailes carnavalescos da cidade. Nesta época, como ainda não havia os clubes sociais que promoviam eventos carnavalescos, o carnaval era brincado nas ruas.

Nas décadas de 1920 e 1930, quando começaram a surgir os primeiros automóveis na cidade, muitos outros grupos também foram surgindo e a festa passou a ter ares mais oficiais, com camarotes montados pela prefeitura à Praça Adami, exclusivos para as autoridades e personagens representativas da sociedade.

Foi também entre as décadas de 1920 e 1930 que algumas mudanças das formas de organizar e brincar o carnaval ocorreram. A festa foi encampada pela prefeitura, que geria aspectos urbanísticos, administrativos e de segurança do carnaval. Desde essa época, portanto, havia certo interesse político em tornar o carnaval o principal atrativo turístico da cidade.

*José Kruschewsky gozava de muito prestígio político, por ter sido, entre os anos de 1920 e 1924, intendente do município e, como ele admirava muito essa festa popular, queria que Itabuna fosse o palco do carnaval mais atrativo de toda região (Andrade-Breust, 2003).*

O historiador José Dantas de Andrade considera que, em virtude desta oficialização, o carnaval começou a se desfigurar. A festa, apesar de ser preponderantemente popular, já ganhava contornos mais institucionalizados, ditado por normas impostas pelo poder público.

O carnaval da primeira metade do século passado "se caracterizava por certo aspecto crítico à política partidária, tanto nacional, quanto local" (Andrade-Breust, 2003). Apesar de não se caracterizar como essencialmente popular, visto que os clubes particulares promoviam inúmeros bailes, as ruas eram palcos das efervescências políticas, lugar onde as tensões e opiniões dialogavam através dos excessos e inversões tipicamente carnavalescas.

A chamada mercantilização surge a partir da década de 80 e início dos anos 90, quando ocorreram alguns acontecimentos que marcaram o fim dos antigos carnavais de clube e das expressões de rua, dando início às comemorações nos moldes atuais da cidade. Como exemplo, tem-se: a) A chegada da TV Cabrália, em 1987, que já em 1988 fez o primeiro carnaval transmitido ao vivo do interior da Bahia; b) A ascensão do movimento do Axé Music, a partir de

5 A emancipação política do município data de 1910 (Lei nº. 807, 28/07/1910), e nesta época já havia festas alusivas ao período carnavalesco, conhecidas como Domingo de Entrudo.

meados da década de 80, que teve importância na consolidação do gênero musical como eixo do carnaval; c) O papel empreendido pela prefeitura na mudança do calendário e do circuito, moldando a festa num aspecto preponderantemente mercadológico; d) E o interesse do empresariado local, que acabaram por "feudalizar", os espaços da festa, vendo os dias do carnaval como importantes instrumentos de geração de lucros (Nogueira, 2006).

Palco de interesses múltiplos e tensões que afirmavam o caráter mercantil em detrimento ao aspecto cultural, a festa se transformou numa verdadeira indústria, vista com interesse pelo empresariado regional, pelas mídias e pela prefeitura em explorar economicamente o evento.

Não podemos deixar de considerar que o processo de evolução e mudança dos diversos tipos de carnavais da cidade sempre foi uma constante, não havendo uma tradição folclórica peculiar que fosse degradada pelo processo da globalização dos bens simbólicos; e, no caso de Itabuna, a formação de uma identidade cultural sempre foi fragmentada, apesar de ter expressões formadas dentro da estrutura cultural da região. Percebe-se também que a cultura local, calcada nas tradições da lavoura cacaueteira, não era refletida sob a forma de expressões que definissem uma identidade sólida da população da cidade. Estas identidades, abaladas pelo grau de miscigenação, característico da formação da sociedade de Itabuna (étnicas, religiosas, culturais, de classe etc.), culminaram no enfraquecimento e na indeterminação cultural na região (Nogueira, 2006).

Do ponto de vista antropológico, o carnaval de rua baiano e, corolário o de Itabuna, ainda na década de 70 não apresentava uma distinção entre os atores e os espectadores, diferentemente de hoje em dia. "Sob a égide do trio elétrico havia um

encontro inter-racial, inter-classes econômicas etc." (Moura, 1996). Porém, a partir dos anos 80, observava-se uma tendência de separação geográfica do carnaval, devido à ascensão dos blocos de trio, não só na capital baiana como em outras cidades do interior do estado, que já realizavam carnavais baseando-se naquele formato hegemônico.

Em Itabuna, houve o crescimento deste movimento da utilização do carnaval como atrativo turístico - fato que é observado desde a década de 20, com o então intendente José Kruschewsky -. Na segunda gestão de Fernando Gomes (1989-1992), a prefeitura empreendeu simultaneamente mudanças significativas da estruturação da festa, com o objetivo de ampliar os espaços e, conseqüentemente, o suporte para aumentar também o fluxo de turistas. Em 1990, o circuito da festa passou da Avenida Cinquentenário para a Avenida Beira-Rio, antes de ser transferida para a Avenida Aziz Maron; e no mesmo ano também houve a antecipação do calendário das festividades, marcando a total manipulação da prefeitura sobre o carnaval.

No texto do decreto municipal, as considerações que justificam a antecipação do carnaval giram em torno das despesas com a contratação dos artistas e dos trios elétricos que, de acordo com a prefeitura, absorvem vultosas quantias. Esta mudança do circuito e do calendário gerou muitas críticas, defendidas sempre pela prefeitura com argumentações de cunho financeiro. Porém, as críticas com relação às novas tendências na organização e realização da festa carnavalesca não se limitaram apenas ao aspecto econômico. A questão cultural também é pautada nesta perspectiva cada vez mais industrial que o carnaval vai adquirindo. Os blocos carnavalescos tradicionais que resistiram ao tempo e às diversas transformações sociais, econômicas

e políticas, estão cada vez mais acudados e perdem espaço para os blocos de trios.

*O que está deixando velhos e novos componentes do Casados I...Responsáveis indignados é a classificação que a Prefeitura deu ao bloco, reduzindo a ajuda financeira. "Enquanto o 'Casados' e o 'Maria Rosa', os mais tradicionais blocos da cidade, são classificados como 'bloco C', o 'Drops com Jaca' e o 'Bebê de Proвета' são classificados como 'A' e recebem NCz\$ 50 mil a NCz\$ 70 mil cruzados. (Jornal Agora, 1990)*

Diferentemente dos antigos carnavais, o carnaval de hoje em dia se transformou num artigo de consumo, produto de uma indústria, no qual os atores viraram espectadores; o produtor passou a ser consumidor; e a espontaneidade deu lugar à institucionalização e normatização cultural (Nogueira, 2006).

As influências decorrentes dos processos de reificação cultural e de fatores sociais e políticos mais complexos, acabaram por ressemantizar os costumes típicos, deixando de ser apenas de cunho cultural, mas, usando uma expressão de Adorno e Horkheimer, "passaram a ser produtos da indústria cultural e, como tais, tiveram que se adequar para agradar a um grande público". De uma festa comunitária, passou a ser festa de multidões e a movimentar muito dinheiro. Característica que mostra o dinamismo da festa, citadas anteriormente.

O que se percebe no carnaval em Itabuna é uma mudança, desde os Domingos de Entrudo, passando pelas escolas de samba, afoxés, bailes nos clubes, e finalmente nos carnavais de rua da atualidade, influenciada por diversos agentes como, por exemplo, a prefeitura, os meios de comunicação, o empresariado e a própria população.

O evento, portanto, não pode ser classificado como descontextualizado, o que houve foi uma transcaracterização, ou seja,

uma da institucionalização que acabou por servir aos interesses da cultura massificada, sem, no entanto, ser algo preponderantemente imposto por determinados atores, mas fruto de diálogos entre diversas forças sociais, econômicas, políticas e culturais. O que se observa na cidade de Itabuna é a manutenção desse processo mutante das manifestações culturais expressas no carnaval, seja em virtude do processo de globalização, da mercantilização cultural, como de forças internas ao sistema sociocultural da população grapiúna.

### Considerações finais

Procuramos mostrar neste artigo uma sucinta reflexão das transformações das expressões culturais presentes no carnaval em Itabuna, ressaltando as alterações do aspecto tradicional, justificadas pela espetacularização da cultura popular. Com abordagens que envolvem dois vetores discursivos aparentemente divergentes, podemos considerar a priori que há um processo irreversível de alteração dos usos e costumes da sociedade, tendo como palco o carnaval, que se encaixa melhor no termo transcaráter ao invés de descaráter.

As transformações culturais, verificadas a partir das manifestações carnavalescas, são observadas desde o início da sociedade itabunense, desde o Domingo de Entrudo aos trios elétricos. A mídia contribuiu para o processo de aceleração das mudanças das formas de fazer-se a festa. Em Itabuna, a partir da chegada das TVs, no final da década de 80, percebeu-se um maior distanciamento entre os atores locais e suas manifestações culturais e as atrações da festa. O evento tornou-se midiático, submetido aos padrões estéticos, estruturais e simbólicos que não refletem as características peculiares da sociedade local. Porém, não podemos atribuir aos meios

de comunicação esta quebra dos valores tradicionais, visto que, como foi tratado no decorrer do trabalho, as manifestações e expressões de cultura na cidade foram, desde os primórdios, baseadas em outros tempos e espaços, não sendo traços tipicamente da terra.

Os elementos identificados por Nogueira (2006) acerca do processo de sobreposição econômica aos bens culturais locais indicam uma irreversibilidade do reboque das tradições pelo capital, como por exemplo: a) a ausência de uma identidade fixa da sociedade itabunense, hibridizada desde os primórdios, com a vinda dos imigrantes de outras regiões, o que reforçou as influências e a dinâmica dos festejos desde o início do século passado; b) o engajamento de poderes públicos com empresas privadas na organização e apropriação do evento, sendo que as empresas de mídia funcionam como outras que utilizam os dias de carnaval para investir economicamente durante o evento; c) e a valorização da própria sociedade aos padrões advindos de outros lugares, como o caso da importação do carnaval de Salvador, em detrimento de manifestações concretas tradicionais, como os blocos Maria Rosa e Casados I...Responsáveis, e de expressões simbólicas, como a lavagem do Beco do Fuxico.

Dado o exposto, percebe-se que essas alterações, ocasionadas pelo fenômeno contemporâneo da globalização cultural, são inevitáveis, devido a atual conjuntura mundial, porém não se definem como algo essencialmente maléfico, uma vez que as mudanças ocasionaram um efeito positivo na organização e atração turística. Sobre este aspecto, o interessante é que pode haver um processo de inversão do fluxo entre os aspectos cultural e econômico. Ou seja, a festa, ao longo do tempo, ganhou um aspecto "antropofágico" e mercantil. Porém, a partir desta mutação e estabilização neste

formato atual, as expressões antigas que ainda subsistem devem ganhar em valorização, por representarem a referência memorial e os fragmentos identitários da população itabunense.

### Referências bibliográficas

- ANDRADE-BREUST, Adriana Dantas. Lembranças apaixonadas do meu Pierrot. In: Itabuna: história e estórias. Ilhéus: EDITUS, 2003.
- ALVES, Elder Patrick Maia. Cultura popular, patrimônio e mercado: o consumo das performances folclórico-artísticas. Salvador: Facom/ UFBA, mai. 2006.
- BENJAMIN, Roberto. Anuário Unesco/Umesp de Comunicação Regional. São Paulo, Ano 5, n. 5, 2001.
- CASTRO, Armando Alexandre. Turismo e carnaval na Bahia. Caderno Virtual de Turismo. n. 17, set. 2005.
- FERREIRA, Felipe. O livro de ouro do carnaval brasileiro. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- JORNAL AGORA. Itabuna: Editora Agora, 1990, p. 09, 03 a 09/02 - Diário.
- LAGE, Beatriz H. Gelas & MILONE, Paulo César. Economia do Turismo. Campinas, SP: PAPIRUS, 1991.
- MACEDO, Isabel C. Sales; SILVA, Suely Filgueiras Rotondano da. História do carnaval da Bahia. Disponível em: <<http://www.faced.ufba.br>>. Acesso em: 19/04/06.
- MOURA, Milton. O transcaráter do carnaval. In: Bahia Análise e Dados. Entrevista, Salvador, v. 5, n. 4, p. 93-100, 1996.
- NASCIMENTO, Aline Santos de Brito. Carnaval de Ilhéus: identidade, turismo e sustentabilidade. Dissertação, Ilhéus: UESC, 2003.
- NOGUEIRA, Rodrigo Muniz Ferreira. A Indústria Cultural no carnaval de Itabuna como agente transformador da cultura local. Monografia, Ilhéus: UESC, 2006.